programa

Apresentação
por Isabel Rei

Gilles Chabenat: *Le Fil*
Duo Tourís-García, sanfona e guitarra

Recitado
Luís G. Amado Carvalho
Ricardo Carvalho Caeiro
EDLG: Victor Bouzas Torrado

Popular galega: *Moinheira*
Paloma García, sanfona

Recitado
José Maria Diaz Castro
Antom Labranha Carrero
David Durán Arufe
EDLG: Antom Labranha e Isabel Rei

Popular galega: *Canto de Zobra*
Duo Tourís-García

Recitado e música
Luísa Villalta Gomez
EDLG: Antía Cores e Paloma García

Despedida
Matthias Loibner: *Unkraut*
Duo Tourís-García

Organiza: Equipa de Dinamização da Língua Galega (EDLG)
http://cmussantiago.blogaliza.org

10 2004 2014 ANIVERSARIO

CONSERVATORIO PROFESIONAL DE MUSICA
SANTIAGO DE COMPOSTELA
XUNTA DE GALICIA
CONSELLERÍA DE CULTURA, EDUCACIÓN E ORDENACIÓN UNIVERSITARIA

~ Letras Galegas 2014 ~

Recital homenagem a[o]s poetas galeg@s

Luísa Villalta
José M. Diaz Castro

Leitura de poemas por vári@s membros da EDLG

Antía Cores, Victor Bouzas, Antom Labranha
Paloma García, Isabel Rei



Duo de sanfona e guitarra
PALOMA GARCIA e MIRO TOURIS

Sexta-feira, 14 de março de 2013
19h, auditório do centro

DUO TOURIS - GARCIA

sanfona e guitarra

Paloma García é professora superior de Guitarra pelo Conservatório da Crunha. Iniciou-se no estudo da sanfona com Oscar Fernández na Escola de sanfona do Padroado de Cultura de Narom e, mais tarde, na Central Folque, ampliando seus estudos com Germán Díaz na Escola Municipal de Música de Compostela. Da man da Central Folque fez parte da Atlântica Vapora Orquestra, participando também na gravação do disco deste grupo "Porto Vilaxoán" e, como aluna desse centro, colaborou no disco "Tentemozo" de Os Cempés. Assistiu a obradoiros de sanfona em Galiza e na França com músicos como Anxo Pintos, Valentin Clastrier, Germán Díaz, Gregory Jolivet, Adriá Grandía, Isabel Pignol, Patrick Bouffard e Matthias Loibner.



Miro Tourís é professor superior de Guitarra pelo Conservatório da Crunha. Ademais da formação académica estudou harmonia moderna e tem feito incursões noutros estilos musicais como a música tradicional, o jazz, etc.
Foi membro do grupo folk Leixaprén, ganhador de diversos prémios a nível galego e estatal e com o que participou na gravação dos discos "Na festa do boi" e "Gáitropos"; bem como em actuações em Galiza, Espanha, França ou Itália.
Fazendo parte do duo Miro Tourís-Paloma García realiza concertos em distintos lugares da Galiza e concertos didáticos em centros de ensino secundário na Arousa.

Luísa Villalta: *Ruído* (1995)

Do mesmo jeito que as efígies dalguns descobridores
aponto, o meu dedo estendido, para um lugar hipotético
no enlousado quadricular do calendário,
que me cuspe uma data, tantos de tantos de mil e tantos,
uma data como qualquer outra para cerrar a História
e contemplá-la docemente como um neno que dorme
inocente e feroz. Por que velar o seu sono?
Por que não despertar livres de culpa
no Éden dos despojos, como as cascudas
e as ratas entre os refugos do festim?

Por conservar a consciência da dignidade perdida
(uma voz da tribuna dos oradores,
enquanto observo com horror como esses mesmos togados
se deixam indolentes e pétreos devorar os olhos,
depois todo o corpo até chegar à mão, uma que escreve
- como esta – ou se alça simbolicamente pechada,
sem óbolo, contra a destruição.

Os últimos gestos ficarão, mais uma vez,
dentro do ventre do Vesúbio, dentro da terra,
e, quando o lume acabe em pedra, serão sagrados
nos seus mais ocultos significados,
até que o mais oculto de todos, o avistamento da morte,
nos reúna a todos para volver a empezar.

Então faremos menção dos que se foram.
Assim:
Éramos muitos, éramos grandes
sabíamos vencer e alguns sobrevivemos.
Triunfamos, pois, tal como prometemos, aqui nos tendes,
mas para poder comer, não há remédio,
a dignidade e o temor vendemos.



Luísa Villalta (1957-2004)

Luísa Villalta: *Música reservada* (1991)

E o meio do caminho será um verso
como todos os caminhos que começam
e prosseguem. Porque um verso
não é mais que o que se quebra
e continua,
que se escapa
e fica e segue
e articula o ritmo escuro do sentido
e anda só, e para, e anoitece
despenhando-se na luz para a seguinte
página e infinitas a seguir, ritmo em herança,
livro a livro, como um século a outro século.

Luísa Villalta: *Ruído* (1995)

Prólogo

Entre o ruído e o sonido, há uma impossível distância de interferências, vibrações erradas ou desquiciadas, intercâmbios onde a claridade é só a figuração última do significado. Este livro é ruído porque, enquanto a música se prolonga em ecos intermináveis abrindo-lhe portas ao infinito, o ruído é por si mesmo um astro estourado cujas partículas caem a toda velocidade e se desintegram de súpeto, para ser sempre outra cousa, noutro lugar, com outro valor. Dentro, ensurdecido de vertigem, um coração galopa o seu ritmo, fugindo da própria fuga, arrasando e esquecendo.
E agora cabe perguntar-se que está primeiro, qual é o limite, até onde uma mão contra a outra podem produzir a distorção quotidiana do ruído ou a depuração excepcional do sonido. E nós, afinal, que somos?

Luísa Villalta: *Estudo das Sombras* (2002)

Os meu passos mentais vão coalhando em espelhos:
vejo-os vir cara mim entanto a mim se me escapam.
O horizonte volveu-se circular
e as minhas vidas possíveis inventaram-me a estátua que estou,
a múltipla sombra assinalando arredor
cara todos os pontos onde esperam as madrugadas.

Luís Eugénio Amado Carvalho: *O galo* (1928)

Sonata Aldeã

Allegro
Os tronos da foguetada
escacham as nuvens mestas;
bagulhas rijas e azuis
verte a noite encol da terra.

Andantino
Laiando-se pelos céus
o verde vento do campo
pousa bagulhas nas polas
azuis do Sol calado.

Scherzo
O moinho mói o dia
entre as mimosas doentes
um cantar de retesia
prendido nos duros dentes.

Adagio
Qual vai o serão morrendo
mergulhando-se no mar,
o meu coração ferido
na morte busca uma paz.

David Durán Arufe na revista
Madrygal n.º 13 (2010)

Meia-Noite

A quietude da escuridade que
prepara o dia
penetra na consciência
e transfere-se à colocação dos
objetos
que passam a ocupar o seu lugar.

A nitidez da noite que esquece o dia
não deixa lugar a dúvidas.

Os insetos,
pensamentos fugazes,
dão volume à paisagem lenta,
quase lunar.

O vento, de ritmo justo
-quase oportuno-
recorda a tua situação:

A noite parece não ter fim,
detrás da parede
passa um carro.

O instante não tem pressa
parece deixar-se colher.

O momento escinde-se.

O tempo esmagador,
o latejo do coração,
o sangue que circula,
o pensamento onipresente
situam-te na meia-noite

José Maria Diaz Castro: *Nimbos* (1961)

Terra do tempo

Mas eu não fui excluído da convida!
Hora e lugar me deram, nau e portos,
e a glória de levar esta imortal ferida,
e a de alterar a história dos vivos e dos mortos!
Terra do tempo, minha escada escura,
rocha de sombra onde o mencer aninha.
Admitido fui na esperança pura,
e a morte que me mata não é minha.

Luísa Villalta: *Estudo das Sombras* (2002)

E passa a verdade baixo estrelas cambiantes.
Fará-se tarde, com o frio da tarde e a morte do frio.
Virão equivocadas gerações procurando um presente
que foi, que será, mas que não se produz,
um presente sem sítio no eterno cinzento do chão,
nos eidos sementados de olvido.

Luísa Villalta: *Ruído* (1995)

Ritos de Resistência

Isto é poesia, um ruído provocado. Não ornamento sonoro, arabesco para as pontas dos dedos: inecessários encaixes para a alma dormir ou sentir a levedeza da onda quando apenas chega a romper. Provocação de boca com fame, isto. E a fame adormece ou reclama.

Frente à rotina, o rito da palavra tensa a pele do mundo: um tambor que desperta. A pele estremece-se porque reconhece a morte que baila fora da tumba.

Isto é também uma mulher que resiste.

José Maria Diaz Castro: *Nimbos* (1961)

Como brasas

Poeta ou não, eu cantarei as cousas
que na soleira de mim mesmo aguardam.
Alumiarei com fachas de palavras,
largo herdo meu, o mundo que me deram.
Aí estão, como brasas contra a noite,
as velhas cousas, cheias de destinos.
Olhos que pedem, de famentos nenos.
Olhos que esperam, duma adolescente.
Galiza em mim, meu Deus, pão que me deram
leite e centeio e sono e luz de aurora!
Longa rua do mar, fogar da terra,
e esta cruz que nos mede de alto abaixo.
Com este alento, eu lhes darei às cousas
o drama cheio que lhes nega a vida:
dar-lhes-ei rostos, pra que se conheçam,
palavras lhes darei pra que se entendam...

Luísa Villalta: *Ruído* (1995)

Vejamos de pôr ordem nas cousas.
O passado está coberto de flores no campo de batalha
e à nossa soidade sangram-lhe os pés na imensidade
buscando palavras de aluguer para render-se.
Volve a descer, militarmente, cara a água a multitude,
uma, mas rota, indivisívelmente estranha, inabrangível.
As palavras, baratas, escutam-se andar entre si mesmas:
Não há mais que escrevê-las como história
na ordem em que nos vão caindo sobre a mesa.

Antom Labranha (2014)

O cânone das esferas

Derramas-te Música
nota a nota
sobre o nocturno insinuânte do sol-pôr.
Alvoradas soarão após o ritmo cadencioso das estrelas.

Volverão os acordes
as ondas abalando
dançar a valsa continua da maré.
Percussão nas falésias, sussurros nos areais.

Trarás contigo Lua
segredando amores
as leves harmonias das saudades.
E as cordas vibrarão fingindo pranto.

Burburinham as fontes
coros de alento ferido
a embeberar melodias sobranceiras.
Temperando escalas, o regato flui livre pelo vale.

E pelos ares trinos
atingirão trovoadas
primogénita chiadeira pastoral.
O verbo florirá com novos cantos.

Que se passa que não ouço?
Que se passa que não vejo?
Onde é que vai o aroma das flores de aquel cantinho?

Cegas de luz
surdas de estrondo
elevam-se, sumptuosas, efémeras cidades.

Carente de recendos e eufonias
fechei os olhos para deter o tempo
e então foi que o Destino chamou à minha porta.

Ó Música, se tu faltares
quem nos há fornecer de eternidades?

Luísa Villalta: *Ruído* (1995)

Acabarei por fazer do poema a biografia,
atar os dias a jeito de tercetos encadeados
e espetar-lhe ao mundo que sim, que é possível
viver como vive a poesia, voar daqui a lá
nalgo tão subtil e ao mesmo tempo tão exato.
Mais que voar, aterro
aterro nesta terra que me aterra
com todo o meu amor num punho e num instante
atiforrado de palavras, palavras de mim mesma,
na mão esquerda, que tantas vezes ondeou até cravar-se
com docíssima ternura no olho temeroso e cego
do ciclope tempo mórbido, álcool e demais (era a época)
misturando-se entre o vómito e a esperança.
Época que persevera em mim e na consciência,
na amizade, isso, na amizade, esse animal violento
engaiolando para sempre os corações-comisaria,
os corações da terra, o dia, a noite,
a lembrança, uma história transmitida.
Agora há outra mão, e haverá outra na outra,
um braço em outro até outra aurora,
a compartir no mesmo cónclave o pão e o vinho
e todos, sobre tudo, a mesma mente como um rio.

Luísa Villalta Gomez: *Música reservada* (1991)

Ser só ser, ser corpo,
unidade simples e infinita
que limita a densidade do vazio.

Sentir só a vida
que fusiona o silêncio co silêncio
dando assim o seu pulso ao infinito.

Ricardo Carvalho Caeiro: *Reticências...* (1990)

Diretor de Orquestra

Não só diriges: gesticulas, danças,
Poseidão sobre as ondas da harmonia.
Do teu carro - o teu trono -, a tua porfia,
o teu decreto e o teu raio lanças.

É o teu ceptro a batuta com que alcanças
a golpear a greia que fugia,
a piara de cascos, a folia
de hipocampos sujeita às tuas mudanças.

Pastor de notas que um rebanho reges
de estrondos e lôstregos e trovões;
engenheiro de portos e caminhos,

que rios e tritões e escumas mexes,
e sobre escumas, rios e tritões
traças quenlha e rigor aos torvelinhos.

Ricardo Carvalho Caeiro: *Reticências...* (1990)

Somos os pacifistas,
que andamos dando guerra.

Somos as feministas,
que vestimos de homem.

Somos os poetas eróticos,
impotentes no tálamo nupcial.

Somos os sacerdotes,
que não cremos em Deus.

Somos os comunistas,
mui zelosos da nossa propriedade privada.

Somos os homens – e as mulheres -. Inumanos,
como cumpre a nossa humana condição.

Se os nossos nomes e as nossas condutas
não foram como são contradição,
só seríamos sombras.

Mas somos realidades, e por isso
somos assim, contrários do que somos.

Luísa Villalta: *Ruído* (1995)

Perdeu-se a cidade trás um decorado de luzes sobre o mar entoldado.
Brêtema e noite tal como a noite se inclinou sempre sobre o mar, com o peso da memória.
Mas as luzes pronunciam uma conjunção única nos destinos das vidas.
Que pode fazer a cultura para esta hora anti-humana?
Pelas ruas estreitas vão passando os pares que o dia permete.
Os seus últimos beijos são furor para o dia seguinte.
Também emoção a das putas que assomam dos bares retortos pondo direitas as meias.
Com o cigarro exilado acrescentam o bafo figurado no frio.
Sou eu quem se achega e pergunta se o amor não é mais que uma frase.
De novo as estrelas metem-se nos bares abertos até ao horizonte da madrugada
dos que escapam gritos e algum riso misturado com palavras de rum desesperado.
Imensidades de olho a olho abastecidas de cantar inentendido.
Só os ventos sabem a que hora se devem começar a varrer as ruas.
As luzes benignas da cidade recolhem a esterqueira das sombras
para que possa ir-se à casa, à alva, o amor adormecido.

Luísa Villalta: *Música reservada* (1991)

Languidas brêtemas cansas
do inverno
pesam ferventes de medo.

Flores ausentes, perfume
do olvido,
cantam desde outros momentos

onde respira a nostalgia.
O medo
diante da escura janela

reflete
o incompleto presente.

Luís Eugénio Amado Carvalho: *O galo* (1928)

Moinheira de todo tempo

Entre os ervais frescos
o claro caminho
arrastando os socos
vai para o moinho.
Envolto no vento
puxando do chão
o pinheiro é um globo
e arela voar.

Aí vem o tempo de sachar o céu
aí vem o tempo de o céu sachar,
segar a ferranha das nuvens serôdias
para as estrelas do vrão sementar.

O campo está hoje
de fresco pintado,
esta noite os rios
dormem enrolados.
A Ilha de Ons
prenhada do mar
dormiu-se no berço
que abala o luar.

Lambe o voo sangal das pombas no longe
a mão aguacenta do céu enrugado,
de tanto subir ao monte com gente
o pobre caminho já vai meio canso.

Nasceu entre as nuvens
o outono frieiro,
olhos amarelos
que choram no vento.
Bica o vento moço
a terra despida
os beiços quecidos
da rosa acendida.

Luísa Villalta: *Em concreto* (2004)

Iniciação
(chave)

Abrir fechar
porta íntima
livre
presença remotamente livre no segredo e
aspiração abstrata de ter algo na mão
que se esvai
reter a porta
retida na intimidade sem olhos livre
os olhos da porta no olho da chave que ocupa a totalidade
do olho
e põe segredos ante os olhos
merecimentos ante os joelhos
para pedir entrar
e fazer as oferendas necessárias
ablução de tudo quanto pudesse volver avaro o conhecimento
da não liberdade
assistida pelas inecessárias padiolas inúteis
Na Cidade, as portas dos edifícios transparentes
estão cegas de esperar a iniciação singela e orgulhosa
da liberdade de ser

Eu
em porta íntima de olho contumaz
busco a saída
não mais a saída que leva ao fundo da habitação
onde as paredes multiplicam a decoração esquelética das ruas
onde as ruas prosseguem a desorientação organizada da rotina
onde a rotina estoura impercetivelmente no pulso dos relógios
onde os relógios pavimentam o Caminho Novo que se fez velho
onde o Caminho nunca é de retorno
e os espelhos vougos pretendem avisar-me de quem não sou eu

busco sair
entrar no contrasinal:
- não renuncio
As duas caras do vigia perguntam paradoxos
- não renuncio às minhas obras sem pompa
Abre-se o abismo entre a destruição e o futuro
- não renuncio à língua ainda contra as fauces
O vigia sem presente empurra-me cara a minha obstinação
e fico livre
remotamente livre no segredo
de interpretar na sequência dos meus genes
qualquer ideal da identidade
e fabricar comum convição de sermos livres
na Cidade à que não renunciamos.